



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

André José Gonçalves Delgado

**Atitudes Face à Adoção de Crianças por
Casais Homossexuais:
A Visão de Estudantes do Ensino Não
Regular da Região Autónoma da Madeira**



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

André José Gonçalves Delgado

**Atitudes Face à Adoção de Crianças por
Casais Homossexuais:
A Visão de Estudantes do Ensino Não
Regular da Região Autónoma da Madeira**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob orientação da
**Professora Doutora Maria da Conceição de Oliveira
Carvalho Nogueira**

outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: André José Gonçalves Delgado

Endereço electrónico: Dredelgado@gmail.com

Título dissertação:

Atitudes Face à Adoção de Crianças por Casais Homossexuais: A Visão de Estudantes do Ensino Não Regular da Região Autónoma da Madeira

Orientador: **Maria da Conceição de Oliveira Carvalho Nogueira**

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia – Área de Especialização de Psicologia Clínica e da Saúde

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
1. Introdução	6
2. Revisão de Literatura	6
2.1. Legislação Atual	6
2.2. Famílias Homoparentais e o Desenvolvimento da Criança	6
2.3. Preconceitos e Atitudes face à Adoção de Crianças por Casais Homossexuais	8
2.4. Hipóteses de Investigação	10
3. Metodologia	11
3.1. Participantes	11
3.2. Desenho	11
3.3. Instrumentos	11
3.4. Procedimento	13
4. Análise Estatística	13
5. Discussão dos Resultados	19
6. Referências Bibliográficas	23

Agradecimentos

A dissertação de mestrado, assim como estes últimos cinco anos, nunca foram um percurso solitário. Tal deve-se ao apoio de inúmeras pessoas, sem as quais não teria valido a pena.

Quero agradecer, primeiramente, à Professora Doutora Conceição Nogueira, minha orientadora de dissertação, pela disponibilidade, compreensão, confiança e sabedoria.

Aos meus pais, principalmente, por me darem o Mundo e, por nele, fazerem de mim quem sou e apoiarem quem procuro ser.

À minha irmã, de quem me orgulho e em quem encontro, incondicionalmente, o suporte que me trouxe até aqui. Em tudo.

Aos meus amigos: no bem e no mal.

À minha família, por serem-no.

À Universidade do Minho, pelo conhecimento.

À Universidade da Madeira, pelo gosto à profissão.

**Atitudes Face à Adoção de Crianças por Casais Homossexuais:
A Visão de Estudantes do Ensino Não Regular da Região Autónoma da Madeira**

Resumo

Apesar da investigação não apresentar diferenças aos níveis do desenvolvimento da criança e das competências parentais, entre famílias homoparentais e heteroparentais, persistem atitudes negativas para com a homoparentalidade. O presente estudo procura avaliar as atitudes de estudantes de uma escola profissional na Região Autónoma da Madeira acerca das competências parentais e dos resultados desenvolvimentais de crianças em famílias homoparentais. Utilizando uma metodologia semi-experimental, criaram-se seis vinhetas que descrevem um casal (Gay, Hétero e Lésbico vs. Criança de 6 e de 12 anos) em processo de adoção. Os participantes ($n = 288$), perante uma versão distribuída aleatoriamente, responderam a questões acerca das competências parentais e *outcomes* desenvolvimentais da criança. Verificou-se uma atitude globalmente positiva em todas as condições experimentais. Quando comparadas, verificaram-se atitudes mais favoráveis aos casais heterossexuais. Os homens revelaram atitudes mais negativas nas situações de homoparentalidade. Nas situações em que a criança tinha 12 anos a antecipação dos resultados desenvolvimentais foi mais positiva. Estudos futuros deverão verificar se existem relações entre as atitudes face à homoparentalidade e atitudes face à institucionalização.

Palavras-chave: homoparentalidade, adoção, atitudes, competências parentais, resultados desenvolvimentais

Attitudes Toward Adoption by Same-Sex Couples: The Position of Autonomous Region of Madeira's Professional School Students

Abstract

Although no differences on child's development and parental competences have been found between heterosexual and same-sex parent families in previous studies, negative attitudes towards same-sex parenting still exist. This study examines how professional school students from the Autonomous Region of Madeira perceive same-sex couples parental competence and what developmental outcomes they expect for their child. A semi-experimental methodology was used to create six vignettes describing a couple (gay, heterosexual and lesbian) adopting a male child (6 and 12 year old). Each participant ($n = 288$) read one of the situations created. Upon doing so, the participants rated two scales concerning the parental competence and the child development outcomes. A general positive attitude was found in all the experimental conditions. The heterosexual parental scenario had more positive attitudes than the homosexual scenarios. Male participants showed more negative attitudes toward same-sex parenting. The participants rated the 12 year old boys' potential outcome more positively than the 6 year old boys in same-sex parent scenarios. Future studies relating the perception of same-sex parenting and of institutionalization might bring better understanding to individual attitudes toward same-sex parenting.

Keywords: same-sex parenting, adoption, attitudes, parental competence, development outcomes

1. Introdução

Apesar da investigação realizada demonstrar, de forma consistente, que as famílias homoparentais são bem capazes de criar uma criança, o preconceito para com esta estrutura familiar persiste, embora tenha reduzido nas últimas décadas.

O objetivo do presente estudo é avaliar, numa população de estudantes do ensino não regular da Região Autónoma da Madeira, de que forma varia a perceção das competências parentais e dos resultados desenvolvimentais das crianças em função da orientação sexual dos casais candidatos à adoção e da idade da criança em situação de adoção.

A manipulação da orientação sexual do casal permitirá comparar as atitudes para com casais em situações psico-sócio-económicas semelhantes. Com a manipulação da idade da criança, para as quais escolheram-se idades com tarefas desenvolvimentais distintas (6 e 12 anos), será possível ver que impacto terá a situação de adoção por casais com diferentes orientações sexuais na antecipação que a população fará do desenvolvimento psicossocial das crianças.

2. Revisão de Literatura

2.1. Legislação Atual

A 17 de maio de 2013 foi aprovado o Projeto de Lei n.º 278 XII que possibilita a coadoção por casais do mesmo sexo que vivem casados ou em união de facto. No entanto a votação final ainda não ocorreu. Caso o projeto receba a aprovação final, significará que quando um dos membros de um casal do mesmo sexo exercer responsabilidades parentais em relação a uma criança, seja por via de adoção ou filiação, o outro membro terá o direito a coadotar a criança, passando a ser reconhecido legalmente como pai/mãe da criança.

Quanto a este tópico, a Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) realizou um relatório de evidência científica sobre as relações familiares e o desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais. Neste relatório fez-se uma revisão de vários estudos e as suas conclusões, pelo que a OPP concluiu “que os resultados das investigações psicológicas apoiam a possibilidade de coadopção por parte de casais homossexuais, uma vez que não encontram diferenças relativamente ao impacto da orientação sexual no desenvolvimento da criança e nas competências parentais” (OPO, 2013, p.31).

2.2. Famílias Homoparentais e o Desenvolvimento da Criança

Um dos primeiros estudos com filhos biológicos de mães heterossexuais e homossexuais foi realizado por Huggins (1989, citado por Wainright, Russell, Patterson,

2004). Neste comparava-se a autoestima de 18 adolescentes com mães lésbicas divorciadas e 18 com mães heterossexuais divorciadas, não se tendo verificado qualquer relação significativa entre a orientação sexual das mães e a autoestima dos adolescentes.

Apesar da maioria dos modelos desenvolvimentais darem importância a um pai do género feminino e outro do género masculino, os estudos desenvolvidos ao longo destes últimos anos indicam que esta estrutura familiar não é necessária para o bom desenvolvimento de uma criança. MacCallum e Golombok (2004) realizaram um estudo com crianças criadas por famílias monoparentais femininas (homo e heterossexuais) e por famílias compostas por casais heterossexuais. Os resultados revelaram que as crianças em famílias sem pai viam as suas mães como mais disponíveis, tinham uma maior interação com as mesmas e consideravam poder depender mais das mesmas. Não se verificou relação entre a existência de problemas emocionais ou comportamentais, o ajustamento escolar, a relação com pares ou a autoestima das crianças em função da presença do pai na estrutura familiar (MacCallum & Golombok, 2004).

Uma meta-análise realizada por Biblarz e Stacey (2010) comparou os resultados de 81 estudos, dos quais 33 comparavam famílias compostas por casais heterossexuais, homossexuais masculinos e homossexuais femininos, e 48 comparavam famílias de pais e mães heterossexuais solteiros. Os resultados apontaram para a existência de mais semelhanças do que diferenças entre as famílias comparadas, revelando que independentemente da orientação sexual dos pais, as famílias compostas por dois membros comprometidos e compatíveis entre si são o melhor para as crianças. A satisfação dos pais quanto à relação amorosa apresentou-se também um importante preditor do bom desenvolvimento das crianças. Resultados semelhantes haviam sido encontrados por Bos, van Balen e van den Boom (2007) num estudo que comparou famílias com mães lésbicas e famílias heterossexuais, ambas com crianças planeadas.

Farr, Forsell e Patterson (2010) realizaram um dos primeiros estudos com crianças adotadas conhecidos até hoje. As crianças tinham entre os 1,5 e 5 anos e foram adotadas por famílias heterossexuais, famílias com mães lésbicas e famílias com pais homossexuais. O estudo avaliou o ajustamento comportamental da criança, o desenvolvimento de género da criança, o stress e técnicas parentais, e a satisfação dos pais com a relação amorosa. Os resultados revelaram não existir relações significativas entre a estrutura familiar (hétero, gay ou lésbica) e: problemas de internalização, externalização ou de comportamento das crianças; desenvolvimento de género da criança; stress parental; técnicas parentais ou satisfação com a relação amorosa dos pais. Os resultados revelaram que, independentemente da orientação

sexual, pais com menor stress parental, com técnicas parentais mais adequadas e com maior satisfação relativamente à relação amorosa tinham crianças com um bom ajustamento em geral, apresentando menos problemas comportamentais.

Wainright, Russell e Patterson (2004) obtiveram resultados semelhantes, num estudo que comparou 44 famílias compostas por um casal homossexual feminino e um filho adolescente, e 44 famílias compostas por um casal heterossexual e um filho adolescente. Em ambos os grupos o casal incluía a mãe biológica. Os resultados não apresentaram nenhuma relação significativa entre a estrutura familiar (hétero ou homossexual) e o ajustamento dos adolescentes no que diz respeito ao ajustamento psicológico, relações com os pares, relações românticas, comportamento sexual e os resultados escolares.

Outros investigadores também não encontraram diferenças entre crianças de famílias homossexuais e crianças de famílias heterossexuais relativamente ao ajustamento comportamental (Bos, van Balen, & van den Boom, 2007), desenvolvimento cognitivo, níveis de autoestima ou de capacidade relacional (Crowl, Ahn, & Baker, 2008; Golombok & Badger, 2010; Patterson, 2000).

Estudos relativos ao desenvolvimento psicossocial e, mais especificamente, à orientação sexual de filhos de pais e mães homossexuais, não encontraram diferenças significativas comparativamente a filhos de pais heterossexuais, deixando como infundada a crença de que os primeiros terão maior probabilidade de se tornarem não-heterossexuais (Wainright, Russell, & Patterson, 2004; Crown, Ahn, & Baker, 2008; Patterson, 2000).

2.3. Preconceitos e Atitudes face à Adoção de Crianças por Casais Homossexuais

Atualmente o preconceito tem sido categorizado pelos investigadores em dois tipos: o preconceito flagrante e o preconceito subtil (Pettigrew & Meertens, 1995, citados por Falcão, 2004; Gato, Leme, & Leme, 2010). O primeiro consiste na expressão de um preconceito que nega ou rejeita a intimidade dos homossexuais e expressa emoções negativas para com os mesmos. O preconceito subtil é caracterizado por uma menor rejeição à intimidade dos homossexuais e menor expressão de emoções negativas, mas também não há qualquer expressão de emoções positivas pelos mesmos, assemelhando-se à “indiferença”.

Morrison e Morrison (2002, citado por Gato, Leme, & Leme, 2010) propuseram o conceito de *homonegatividade moderna*, que consiste na (1) negação da existência de discriminação homofóbica, (2) crença de que os direitos pelos quais os homossexuais lutam são desnecessários e ilegítimos, e (3) crença de que os homossexuais exageram e hiperdestacam a sua orientação sexual.

Já em 1977, Morin (citado por Gato, Leme, & Leme, 2010) refletiu sobre o preconceito para com os homossexuais e propôs o termo *heterossexismo*, que consiste na valorização da heterossexualidade em função da homossexualidade, considerando a primeira como superior, mais natural e mais correta que a segunda.

Frías-Navarro (2005, citado por Frías-Navarro, 2009) apontou para uma mudança nas atitudes homofóbicas, tendo verificado que a maioria dos heterossexuais apoia os direitos civis da comunidade LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual e Transsexual), mas opõem-se à possibilidade de estes adotarem. Esta pode ser considerada uma posição *heterossexista* em que há uma aparente aceitação da homossexualidade, mas, ao mesmo tempo, consideração desta como menos normal e como inferior à heterossexualidade.

Em Portugal a situação é semelhante: segundo o European Social Survey (ESS, 2006), embora 60% da população concorde com a atribuição de direitos de igualdade aos gays e lésbicas, a maioria sente-se menos confortável tendo um vizinho homossexual e tem menor probabilidade de ter um amigo homossexual comparativamente à restante comunidade europeia (Comissão Europeia, 2009), e apenas 19% da população portuguesa concorda com a adoção por casais homossexuais (Comissão Europeia, 2006).

As atitudes negativas para com pais homossexuais partem não só da sociedade em geral (King & Black, 1999, citados por Patterson, 2005; McLeod, Crawford, & Zechmeister, 1999, citados por Patterson, 2005), como também de psicólogos (Crawford, McLeod, Zamboni, & Jordan, 1999, citados por Patterson, 2005) e outros profissionais de saúde mental (Moita, 2006, citado por Gato, Freitas, & Fontaine, 2012).

Em 1979, num dos primeiros estudos sobre as atitudes face à homoparentalidade, Nestor recolheu dados de uma amostra de 62 pedopsiquiatras norte-americanos acerca da atribuição da custódia de uma criança a progenitores não-heterossexuais. A maioria, 82%, considerou que a custódia deveria ser entregue aos progenitores mais capazes, independentemente da sua orientação sexual. Quando questionados sobre as implicações da homoparentalidade na criança, 60% referiu não ter experiência para comentar sobre tal (Nestor, 1979, citado por Gato, Fontaine, & Carneiro, 2010).

Mesmo quando não se verificam atitudes especificamente negativas para com a homoparentalidade, os resultados dos estudos apresentam globalmente uma posição *heteronormativa* da parentalidade em que as situações de parentalidade pelos casais heterossexuais são favorecidas mesmo quando as situações homoparentais não são avaliadas como negativas (Gato, Freitas, & Fontaine, 2012).

Um outro fenómeno bastante recorrente consiste na atitude de “*blame the victim*” (Ryan, 1971, in Waller, 2001, citado por Gato, Freitas, & Fontaine, 2012), ou seja, a culpabilização da vítima. Numa situação de adoção tal significaria que, apesar de um casal homossexual ser percecionado como capaz e adequado para adotar determinada criança, a adoção não lhes seria atribuída por se considerar que esse casal tem maior probabilidade de ser discriminado pela sociedade. Assim, o casal é responsabilizado pela discriminação que sofre por parte da sociedade.

Esta atitude pode ser encontrada num estudo a estudantes portugueses de Gato, Freitas e Fontaine (2012) em que os resultados demonstraram-se globalmente favoráveis a todas as estruturas familiares (gay, lésbica e heterossexual), sendo que o item de atribuição da custódia foi significativamente superior à média para todas as estruturas familiares. Verificou-se também uma maior preocupação com as competências parentais dos candidatos heterossexuais do que dos homossexuais, e uma maior probabilidade de a criança ser vítima de abuso sexual se adotada por candidatos heterossexuais. Apesar destes resultados, a probabilidade de atribuição da custódia aos candidatos heterossexuais foi significativamente maior do que aos candidatos homossexuais e, quanto às lésbicas, seria ainda significativamente maior se estas fossem solteiras. Denote-se ainda que, apesar de os resultados terem sido globalmente positivos, quando comparados entre si, a homoparentalidade foi avaliada como mais negativa que a heteroparentalidade.

Existem alguns fatores associados a maiores níveis de preconceito ou rejeição por parte da comunidade. O principal sendo que os indivíduos heterossexuais do género masculino apresentam atitudes significativamente mais negativas para com pessoas não-heterossexuais (Kite & Whitley, 1996, citado por Gato & Fontaine, 2012; Cardeira, Frazão, & Mónico, 2013; Kite, 1984, citado por Kerns & Fine, 1994; Gato, Leme, & Leme, 2010), especialmente para com homossexuais do género masculino (Kerns & Fine, 1994).

2.4. Hipóteses de Investigação

Tendo por base a revisão de literatura realizada, as hipóteses colocadas para esta investigação são as seguintes:

Hipótese 1: Os participantes demonstrarão atitudes globalmente positivas aos três tipos de casais descritos;

Hipótese 2: Os participantes demonstrarão, globalmente, atitudes significativamente mais positivas quanto às competências parentais e aos *outcomes* desenvolvimentais da criança para os casais heterossexuais do que aos casais homossexuais;

Hipótese 3: Os participantes terão, na globalidade, atitudes mais negativas quanto às competências parentais e *outcomes* desenvolvimentais para com a adoção da criança de 6 anos pelos casais homossexuais do que para com a adoção da criança de 12 anos pelos mesmos;

Hipótese 4: Quanto maior a idade dos participantes, menos atitudes positivas encontrar-se-ão para com as situações de homoparentalidade;

Hipótese 5: Os participantes do género masculino apresentarão atitudes mais negativas, nas duas escalas, para as situações de adoção por casais homossexuais;

Hipótese 6: Os casais homossexuais masculinos serão avaliados mais negativamente quanto às competências parentais do que os casais homossexuais femininos;

3. Metodologia

3.1. Participantes

No presente estudo participaram 299 alunos de uma escola profissional da RAM (Região Autónoma da Madeira), dos quais 11 foram eliminados devido à não resposta a metade ou mais das questões colocadas.

A amostra, do tipo não probabilístico por conveniência, é constituída por 288 indivíduos, dos quais 148 (51.4%) são do género masculino e 140 (48.6%) são do género feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 29 anos e uma idade média de 19.28 ($DP = 3.53$). Da amostra total, 247 participantes estão a frequentar o secundário e 41 frequentam formações na escola.

3.2. Desenho

No presente estudo utilizou-se uma metodologia semi-experimental interparticipantes para caracterizar de que forma estudantes de uma escola profissional da RAM percecionam a homoparentalidade quanto às competências parentais e ao desenvolvimento psicológico das crianças destas famílias. Criaram-se 6 versões de uma vinheta que descreve um casal candidato à adoção de uma criança, manipulando-se a orientação sexual do casal (heterossexual, gay e lésbico) e a idade da criança (6 e 12 anos). Os participantes foram sujeitos a uma versão aleatória, perante a qual responderam a questões acerca do casal e da criança.

3.3. Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. De modo a obter uma caracterização geral da amostra aplicou-se um questionário sociodemográfico, questionando-se a idade, género,

habilitações literárias e, tendo em conta a presente investigação, questionou-se ainda a existência de contacto interpessoal com a comunidade LGBT.

Vinheta de Adoção. Utilizou-se a versão portuguesa da Situação-Estímulo (Gato, Freitas, & Fontaine, 2012) criada por Camilleri e Ryan (2006). Esta vinheta descreve uma situação de adoção em que os casais são descritos como aptos a nível emocional, social e económico, com um emprego seguro, bom suporte social, assim como uma boa relação com a criança (do género masculino) que pretendem adotar. Criaram-se seis versões (casal gay, heterossexual e lésbico vs rapaz de 6 anos e de 12 anos).

Escala de Avaliação das Competências Parentais [EACP] (Gato, Freitas, & Fontaine, 2013). De forma a avaliar a perceção que os participantes têm das competências parentais e adequabilidade do casal descrito nas vinhetas utilizou-se a versão portuguesa da Couples Rating Scale (Gato, Freitas, & Fontaine, 2013, adaptada de Crawford, McLeod, Zamboni, & Jordan, 1999), que foi alvo de tradução e retroversão e, posteriormente, validação para a população portuguesa (análise fatorial exploratória e confirmatória inter-grupos), demonstrando boas qualidades psicométricas numa amostra de estudantes do ensino superior de várias universidades (Gato, Freitas, & Fontaine, 2013).

A escala, do tipo Likert de 1 a 6, é composta por 11 itens, dos quais utilizaram-se seis como variáveis dependentes por corresponderem aos indicadores mais comuns de preconceito para com a homoparentalidade (Patterson, 2002, citado por Gato, Freitas, & Fontaine, 2012). O item 3 refere-se ao nível de apoio que o participante acha que o casal receberá da comunidade, o 4 à capacidade do casal transmitir valores à criança, o 7 à probabilidade da criança ser vítima de abuso sexual pelos pais, o 8 à estabilidade emocional dos candidatos à adoção, o 10 à preocupação para com as competências parentais do casal e o 11 à decisão de atribuição de custódia.

Escala de Avaliação dos Resultados Desenvolvimentais da Criança [EARDC] (Gato, Freitas, & Fontaine, 2013). A escala, desenvolvida com base na literatura acerca dos receios mais frequentes quanto às consequências da homoparentalidade no desenvolvimento das crianças é composta por 12 questões acerca do desenvolvimento sexual, desenvolvimento pessoal (emocional, comportamental e cognitivo) e da discriminação, e é cotada com uma escala do tipo Likert de 1 a 6.

Este instrumento foi validado para a população portuguesa, com recurso a análise fatorial exploratória e confirmatória inter-grupos, e apresentou boas qualidades psicométricas quando utilizado numa vasta amostra de estudantes do ensino superior de várias universidades portuguesas (Gato, Freitas, & Fontaine, 2013).

3.4. Procedimento

Após a obtenção de permissão da instituição de ensino profissional, os questionários foram aplicados coletivamente pelo investigador no contexto de sala de aula.

Os participantes foram, primeiramente, informados acerca do carácter voluntário e confidencial da sua participação, assim como do objetivo geral do estudo. Foram distribuídas as seis versões do questionário, agrupadas de forma sequencial, assegurando uma amostra de tamanho semelhante para cada versão. Como tal, os participantes foram instruídos a ler a descrição de um casal em processo de adoção e, em seguida, a responder às questões acerca do casal e da criança.

4. Análise Estatística

De forma a avaliar se a distribuição dos participantes pelas condições experimentais definidas em função da orientação sexual do casal e idade da criança era equitativa realizou-se a análise da distribuição de algumas variáveis sociodemográficas. Não se encontrou uma associação significativa entre nenhuma das seguintes variáveis às seis condições experimentais desenhadas: idade ($r_s = .05$, $p = .31$), género [$\chi^2 (5,288) = 2.11$, $p = .83$], habilitações literárias [$\chi^2 (5,288) = 2.39$, $p = .79$] e contacto com a comunidade LGBT [$\chi^2 (5,288) = 3.95$, $p = .56$].

Interessou, em segundo lugar, analisar as tendências de resposta das amostras sujeitas à situação de adoção pelos casais homossexuais masculinos, homossexuais femininos e heterossexuais em geral. Para esta análise agruparam-se as amostras de acordo com a orientação sexual do casal, independentemente da idade da criança em processo de adoção. Para tal comparou-se a média das variáveis dependentes com o ponto médio da escala de Likert (3.5) para cada uma das condições definidas pela variável independente orientação sexual.

Como é possível observar na Tabela 1 referente às respostas obtidas na Escala de Avaliação das Competências Parentais para as três condições experimentais definidas pela orientação sexual dos candidatos à adoção, os participantes apresentaram uma atitude globalmente favorável à situação de adoção, tanto para o casal heterossexual, como para os casais homossexual masculino e feminino.

Tabela 1 – Comparação entre médias dos itens da EACP e o ponto médio da escala tipo Likert (3.5) nas três situações definidas em função da orientação do casal candidato a adoção.

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Casal homossexual masculino (n = 94)					
3. Apoio da comunidade	3.71	1.57	93	1.31	.19
4. Capacidade de transmitir valores	4.70	1.40	93	8.34	< .001
7. Vítima de abuso sexual	2.37	1.52	93	-7.20	< .001
8. Estabilidade emocional do casal	4.65	1.37	93	8.11	< .001
10. Preocupação com competências parentais	2.94	1.58	93	-3.46	< .01
11. Atribuição da custódia	4.48	1.66	93	5.54	< .001
Casal heterossexual (n = 97)					
3. Apoio da comunidade	4.53	1.51	96	6.67	< .001
4. Capacidade de transmitir valores	5.18	1.09	96	15.14	< .001
7. Vítima de abuso sexual	1.98	1.17	95	-12.81	< .001
8. Estabilidade emocional do casal	4.65	1.23	96	9.24	< .001
10. Preocupação com competências parentais	2.52	1.41	96	-6.89	< .001
11. Atribuição da custódia	5.19	1.17	96	14.23	< .001
Casal homossexual feminino (n = 97)					
3. Apoio da comunidade	4.02	1.49	96	3.45	< .01
4. Capacidade de transmitir valores	4.93	1.09	96	12.88	< .001
7. Vítima de abuso sexual	1.91	1.21	95	-13.02	< .001
8. Estabilidade emocional do casal	4.79	1.19	96	10.71	< .001
10. Preocupação com competências parentais	2.68	1.58	96	-5.12	< .001
11. Atribuição da custódia	4.74	1.47	96	8.30	< .001

Tal como na análise anterior, avaliou-se a tendência das respostas à Escala de Avaliação dos Resultados Desenvolvidos da Criança para as três condições experimentais definidas pela orientação sexual dos casais. Os resultados, descritos na Tabela 2, demonstraram uma opinião majoritariamente positiva dos *outcomes* das crianças nas três situações de adoção descritas.

Esta análise permitiu confirmar a Hipótese 1, verificando-se uma atitude globalmente favorável às situações de adoção dos três casais descritos no que concerne os *outcomes* desenvolvimentais da criança.

Interessou, em terceiro lugar, comparar os resultados obtidos nas três situações definidas pela orientação sexual de forma a avaliar o efeito da orientação sexual nas atitudes face à situação de adoção.

Tabela 2 – Comparação entre médias dos itens da EARDC e o ponto médio da escala tipo Likert (3.5) nas três situações definidas em função da orientação do casal candidato a adoção.

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>gl</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Casal homossexual masculino (<i>n</i> = 94)					
1. Probabilidade de ter boa imagem	4.11	1.43	92	4.11	< .001
2. Comportamentos (...) de rapariga	3.07	1.71	93	-2.42	< .05
3. Comportamentos (...) de rapaz	4.42	1.51	93	5.86	< .001
4. Problemas de comportamento	2.89	1.49	93	-3.94	< .001
5. Boa capacidade intelectual	4.62	1.31	93	8.25	< .001
6. Problemas emocionais	3.24	1.39	92	-1.83	.07
7. Preferência sexual por rapazes	2.97	1.56	93	-3.30	< .01
8. Preferência sexual por raparigas	4.16	1.40	92	4.58	< .001
9. Relacionar bem com os outros	4.65	1.28	93	8.73	< .001
10. Alvo de violência por outras crianças	4.14	1.41	93	4.39	< .001
11. Sentir-se bem como rapaz e (...) homem	4.70	1.13	93	11.28	< .001
12. Discriminado por adultos	3.54	1.57	93	0.26	.79
Casal heterossexual (<i>n</i> = 97)					
1. Probabilidade de ter boa imagem	4.88	1.03	96	13.12	< .001
2. Comportamentos (...) de rapariga	2.75	1.55	96	-4.76	< .001
3. Comportamentos (...) de rapaz	4.69	1.23	96	9.55	< .001
4. Problemas de comportamento	2.90	1.30	96	-4.56	< .001
5. Boa capacidade intelectual	4.55	1.19	96	8.66	< .001
6. Problemas emocionais	3.26	1.33	96	-1.80	.07
7. Preferência sexual por rapazes	2.81	1.47	96	-4.60	< .001
8. Preferência sexual por raparigas	4.44	1.43	96	6.50	< .001
9. Relacionar bem com os outros	4.62	1.18	96	9.36	< .001
10. Alvo de violência por outras crianças	3.19	1.37	95	-2.25	< .05
11. Sentir-se bem como rapaz e (...) homem	4.94	0.98	95	14.42	< .001
12. Discriminado por adultos	2.78	1.56	96	-4.52	< .001
Casal homossexual feminino (<i>n</i> = 97)					
1. Probabilidade de ter boa imagem	4.66	1.13	96	10.14	< .001
2. Comportamentos (...) de rapariga	3.19	1.69	96	-1.83	.07
3. Comportamentos (...) de rapaz	4.12	1.54	95	3.94	< .001
4. Problemas de comportamento	2.45	1.28	96	-8.08	< .001
5. Boa capacidade intelectual	4.68	1.20	96	9.73	< .001
6. Problemas emocionais	2.96	1.37	95	-3.90	< .001
7. Preferência sexual por rapazes	2.58	1.37	94	-6.61	< .001
8. Preferência sexual por raparigas	4.50	1.27	96	7.73	< .001
9. Relacionar bem com os outros	4.59	1.31	96	8.21	< .001
10. Alvo de violência por outras crianças	3.92	1.43	96	2.88	< .01
11. Sentir-se bem como rapaz e (...) homem	4.62	1.28	96	8.62	< .001
12. Discriminado por adultos	3.51	1.44	96	0.04	.97

Como tal, Análises de Variância (ANOVAS) Unifatoriais revelaram diferenças significativas para os itens 3, 4, 7 e 11 da EACP, e para os itens 1, 3, 4, 10 e 12 da EARDC.

As análises *Post-Hoc de Gabriel* revelaram que, no que concerne aos itens da EACP, o casal heterossexual foi avaliado como tendo uma maior probabilidade de receber apoio da comunidade (item 3) do que os candidatos gays, e tendencialmente superior à do casal lésbico, [$F(2,285) = 6.95, p = .001$]. O casal heterossexual foi também avaliado como tendo uma maior capacidade de transmitir valores (item 4) do que o casal gay, [$F(2,285) = 3.72, p = .025$]. Quanto à probabilidade da criança ser vítima de abuso sexual pelos candidatos (item 7), os participantes consideraram que esta seria maior na situação do casal gay do que do casal lésbico, [$F(2,283) = 3.49, p = .032$]. Neste mesmo sentido, a probabilidade da atribuição da custódia (item 11) ao casal heterossexual seria maior à do casal gay, e tenderia também a ser superior à do casal lésbico, [$F(2,285) = 6.34, p = .002$].

Análises *Post-Hoc de Gabriel* para os itens da EARDC revelaram que os participantes consideraram que as crianças adotadas pelos casais heterossexuais e lésbicos teriam provavelmente uma melhor imagem de si (item 1) do que as crianças adotadas pelos casais gays, [$F(2,284) = 10.21, p = .000$]. Verificou-se também que a probabilidade de apresentar comportamentos, gostos e atividades característicos de um rapaz (item 3) seria superior na situação do casal heterossexual do que na do casal lésbico, [$F(2,284) = 3.91, p = .021$]. Por outro lado, as crianças criadas por os casais lésbicos tenderiam a apresentar menos problemas comportamentais (item 4) que aquelas criadas pelos casais heterossexuais e gays, [$F(2,285) = 3.40, p = .035$]. Ainda assim, as crianças adotadas pelos casais heterossexuais foram avaliadas como tendo menor probabilidade de serem vítimas de violência física ou verbal por parte de outras crianças (item 10), [$F(2,284) = 12.00, p = .000$], e de serem alvo de discriminação por parte de adultos (item 12) do que as crianças adotadas pelos casais homossexuais masculino e feminino, [$F(2,285) = 7.60, p = .001$].

Assim, é possível observar uma atitude geral mais positiva para com o casal hétero do que com os casais homossexuais. Entre estes últimos, o casal lésbico obteve atitudes mais favoráveis do que o casal gay. Tais resultados confirmam as Hipóteses 2 e 6.

Interessou, posteriormente, compreender se essas mesmas atitudes seriam diferentes para cada casal em função da idade da criança. Recorreu-se a Testes T para Amostras Independentes para avaliar se existem diferenças entre as atitudes face a adoção de uma criança de 6 anos e uma criança de 12 anos por um casal gay, um casal hétero e, finalmente, um casal lésbico (Tabela 3). Não se encontraram diferenças significativas ao nível dos itens da EACP, nem entre as situações das crianças de 6 e 12 anos a ser adotadas pelo casal

heterossexual. No entanto, encontraram-se diferenças marginalmente significativas entre a antecipação de resultados desenvolvimentais das crianças de 6 e de 12 anos adotadas pelos casais gays, no sentido em que os participantes consideraram que as crianças de 12 anos tenderiam de apresentar mais comportamentos típicos de rapaz, [$t(92) = -1.87, p = .065$], assim como uma probabilidade tendencialmente maior de se sentirem bem como rapazes e, no futuro, homens, do que as crianças de 6 anos [$t(92) = -1.84, p = .069$].

Perante a adoção de uma criança de 6 e uma criança de 12 por um casal lésbico, os participantes consideraram que a criança de 12 anos teria maior probabilidade de se sentir bem como rapaz e, futuramente, como homem, [$t(95) = -2.15, p = .034$], e que tenderia também a apresentar menos problemas emocionais, [$t(94) = 1.81, p = .073$], e a ser menos discriminada por adultos, [$t(95) = 1.90, p = .061$], do que a criança de 6 anos adotada pelo mesmo casal.

Estes resultados indicam um maior nível de atitudes desfavoráveis à situação de adoção de uma criança de 6 anos por parte dos casais homossexuais, como esperado pela Hipótese 3.

Tabela 3 – Diferenças nas atitudes à adoção em função da idade da criança (seis ou doze anos) para cada casal candidato a adoção (heterossexuais, gays e lésbicas) na Escala de Avaliação de Resultados Desenvolvimentais da Criança.

	Criança 6 anos	Criança 12 anos	<i>df</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>			
Casal Gay (<i>n</i> = 94)	(<i>n</i> = 47)	(<i>n</i> = 47)			
3. Comportamentos (...) de rapaz	4.13 (1.41)	4.70 (1.57)	92	-1.87	.065
11. Sentir-se bem como rapaz e (...) homem	4.49 (1.04)	4.91 (1.20)	92	-1.84	.069
Casal Lésbico (<i>n</i> = 97)	(<i>n</i> = 49)	(<i>n</i> = 48)			
6. Problemas emocionais	3.21 (1.47)	2.71 (1.22)	94	1.81	.073
11. Sentir-se bem como rapaz e (...) homem	4.35 (1.39)	4.90 (1.10)	95	-2.15	.034
12. Discriminado por adultos	3.78 (1.55)	3.23 (1.28)	95	1.90	.061

Apesar das atitudes serem maioritariamente favoráveis em todas as condições experimentais, interessa ainda saber se estas diferem em função de algumas variáveis sociodemográficas que caracterizam a amostra. Para tal utilizaram-se os Coeficiente de Correlação de Pearson e Coeficiente Ponto-Bisserial para avaliar se existem relações entre as atitudes em cada condição experimental definida pela orientação do casal, e as variáveis sociodemográficas: género, idade e contacto com a comunidade LGBT.

Verificou-se, quanto ao casal gay, uma relação significativa entre o gênero e as tendências de resposta. Assim, os participantes do gênero feminino avaliaram o casal como mais capaz de transmitir valores à criança, [$r_{pb} = .39, p = .000$], como mais estável emocionalmente, [$r_{pb} = .25, p = .014$], e apresentaram maior probabilidade de atribuir a custódia da criança ao casal, [$r_{pb} = .39, p = .000$], do que os participantes do gênero masculino. Os participantes do gênero feminino também consideraram como mais provável a criança ter uma boa imagem de si, [$r_{pb} = .40, p = .000$], apresentar comportamentos característicos de um rapaz, [$r_{pb} = .23, p = .029$], ter uma boa capacidade intelectual, [$r_{pb} = .34, p = .001$], manifestar preferência sexual por raparigas, [$r_{pb} = .23, p = .030$], ter facilidade em se relacionar bem com os outros, [$r_{pb} = .30, p = .003$], e sentir-se bem como rapaz e mais tarde como homem, [$r_{pb} = .27, p = .007$]. Verificou-se ainda uma relação negativa entre a idade dos participantes e a resposta ao item 8 da Escala de Avaliação de Resultados Desenvolvimentais da Criança. Assim, os participantes mais velhos consideraram que a probabilidade da criança manifestar preferência sexual por raparigas seria menor, [$r = .30, p = .004$]. A presença de contacto interpessoal com a comunidade LGBT por parte dos participantes apresentou uma correlação positiva significativa com o item 8 da EACP, sendo que os sujeitos com contacto com pessoas LGBT avaliaram o casal como mais emocionalmente estável do que os sujeitos sem contacto com a comunidade LGBT, [$r_{pb} = .22, p = .031$]. Por outro lado, os participantes que não têm ou desconhecem ter contacto com pessoas LGBT consideraram que as crianças adotadas pelo casal gay mais provavelmente teriam problemas emocionais, [$r_{pb} = -.23, p = .024$].

Perante a situação do casal lésbico, verificaram-se varias correlações entre o gênero dos participantes e a frequência das respostas às duas escalas. Os participantes do sexo feminino consideraram o casal como tendo maior capacidade de transmitir valores à criança, [$r_{pb} = .38, p = .000$], mais emocionalmente estável, [$r_{pb} = .21, p = .041$], e revelou maior probabilidade de atribuir a custódia da criança ao casal, [$r_{pb} = .33, p = .001$], que os participantes do sexo masculino. Os participantes femininos consideraram também mais provável a criança ter uma boa imagem de si, [$r_{pb} = .22, p = .034$], ter uma boa capacidade intelectual, [$r_{pb} = .21, p = .044$], apresentar menos problemas emocionais, [$r_{pb} = -.22, p = .032$], ter facilidade em se relacionar bem com os outros, [$r_{pb} = .36, p = .000$], e sentir-se bem como rapaz e mais tarde como homem, [$r_{pb} = .30, p = .003$], que os participantes do sexo masculino. Não se verificou uma associação entre a idade e as respostas aos itens. Ainda perante esta situação, os participantes com contacto interpessoal com pessoas LGBT avaliaram o casal como mais capaz de transmitir valores à criança, [$r_{pb} = .23, p = .023$], e consideraram o casal mais

emocionalmente estável, [$r_{pb} = .24, p = .018$], que os participantes sem contacto com a comunidade LGBT. Estes últimos consideraram que a probabilidade da criança manifestar preferência sexual por rapazes é marginalmente maior do que os participantes com contacto interpessoal com pessoas LGBT, [$r_{pb} = .20, p = .051$].

As Hipóteses 4, que antecipava uma relação entre a idade dos participantes e as atitudes perante a homoparentalidade, e 5, que antecipava uma relação entre o género e as atitudes perante a homoparentalidade, foram também confirmadas.

5. Discussão dos Resultados

O presente estudo procurou avaliar como diferem as atitudes face à situação de adoção de uma criança por casais em condições ideais, manipulada em função da sua orientação sexual (hétero, gay e lésbica) e da idade da criança (6 e 12 anos). As atitudes foram, tal como esperado, globalmente positivas. No entanto, quando as condições experimentais foram comparadas entre si, verificou-se um efeito da orientação sexual na avaliação das competências parentais e dos resultados desenvolvimentais das crianças adotadas pelos mesmos. Mais especificamente, verificou-se uma avaliação mais positiva das competências parentais dos casais heterossexuais do que dos casais homossexuais e, em algumas situações, uma avaliação mais positiva dos casais lésbicos do que dos casais gays.

Algumas das diferenças observadas, tais como o nível de apoio que os participantes consideram que o casal receberia da comunidade, transmitem apenas a realidade atual da sociedade portuguesa, considerando que em 2007 apenas 19% da população concordava com a adoção por casais homossexuais (Comissão Europeia, 2006).

No entanto, verificaram-se também diferenças ao nível da capacidade de transmissão de valores morais para a criança, probabilidade de abuso sexual, atribuição da custódia, auto-imagem positiva da criança e comportamentos típicos de género da criança, no sentido em que os casais heterossexuais obtiveram resultados mais favoráveis que os casais homossexuais, principalmente os casais gays. Este resultado parece corresponder ao que se compreende por posição *heteronormativa*, em que, mesmo que não existam atitudes negativas para com a homoparentalidade, as situações de parentalidade pelos casais heterossexuais são favorecidas (Gato, Freitas, & Fontaine, 2012). Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Gato, Freitas e Fontaine (2012).

Curiosamente, os participantes anteciparam que as crianças adotadas pelos casais lésbicos tenderiam a apresentar menos problemas comportamentais que as crianças adotadas pelos casais gays e heterossexuais. Uma possível leitura deste resultado é a visão de que um

casal composto por duas mães representa uma “dose dupla” daquilo que está socialmente associado à maternidade e feminilidade. Assim, os participantes poderão ter considerado que, por estar a ser educada por duas mulheres, a criança desenvolveria comportamentos também mais relacionados com a feminilidade. A noção de “dose dupla” de abordagem feminina na parentalidade foi já apresentada por Biblarz e Stacey (2010) ao descrever resultados de outros estudos onde se verificava que as mães lésbicas empregavam menos castigos corporais, eram menos rígidas na sua educação e seguiam menos as normas sociais de conformismo e género. De facto, no presente estudo observou-se também a crença de que as crianças ao cuidado do casal lésbico manifestariam menos comportamentos típicos de rapaz e também uma média mais elevada quanto à probabilidade de manifestar comportamentos típicos de rapariga. No entanto, em estudos que comparavam o desenvolvimento dos rapazes criados por mães lésbicas com rapazes criados por casais heterossexuais, verificaram-se níveis semelhantes de comportamentos típicos do género masculino, mas níveis mais elevados de comportamentos “femininos”. Assim, a ausência de uma figura masculina não implica um declínio na masculinidade da criança, mas sim uma flexibilidade superior nos comportamentos de género (MacCallum, & Golombok, 2004; Gato, & Fontaine, 2011). Esta antecipação dos resultados desenvolvimentais da criança pode implicar também uma reduzida probabilidade da mesma ter problemas comportamentais, já que estes problemas são socialmente catalogados como “comportamentos de rapaz”.

As crianças adotadas pelos casais homossexuais foram avaliadas como tendo maior probabilidade de ser alvo de violência física ou verbal pelos pares, assim como de discriminação por adultos, quando comparadas com aquelas adotadas pelos casais heterossexuais. Esta atitude, ainda que não seja completamente irreal, é perpetuadora da discriminação da homoparentalidade. Negar a adoção a um casal homossexual com base no propósito de que este, assim como a criança, serão discriminados, será um ato discriminatório por si. Esta posição coincide com o que Ryan (1971, in Waller, 2001, citado por Gato, Freitas, & Fontaine, 2012) denominou de “*blame the victim*”, em que o casal é prejudicado devido ao preconceito infundamentado da sociedade em que vive.

A antecipação de *outcomes* mais positivos nas situações em que a criança de 12 anos é adotada pelos casais homossexuais parece indicar que a amostra não teve em consideração que tal implicaria, para muitos casos, que a criança estivesse institucionalizada até à idade, vivendo toda a sua infância num sistema em que os cuidados são maioritariamente básicos, sem a formação de um vínculo afetivo seguro e com uma reduzida estimulação sensorio-cognitiva (Pereira, 2008). Por outro lado, os participantes parecem considerar que haverá

menos impacto negativo por parte dos pais homossexuais no desenvolvimento da criança se esta for mais velha, apontando novamente para uma posição *heteronormativa* por parte dos participantes. Este resultado aponta, em primeiro lugar, para uma ideia positiva irrealista da institucionalização, e, em segundo lugar, uma crença de que a adoção por casais homossexuais tem um impacto mais negativo do que a institucionalização.

Finalmente, as relações identificadas nas atitudes face à adoção das crianças por casais homossexuais em função das variáveis sociodemográficas da amostra permitem formular algumas hipóteses para as compreender. Em primeiro lugar, verificou-se que os participantes do género masculino apresentaram atitudes menos favoráveis à adoção por parte dos casais homossexuais, principalmente gays, do que os participantes do género feminino. Esse resultado corrobora resultados encontrados nos estudos de Kerns e Fine (1994), e de Cardeira, Frazão e Mónico (2013). De facto, Kerns e Fine (1994) exploraram possíveis fatores responsáveis pela relação encontrada entre os participantes homens heterossexuais e as atitudes negativas face à homossexualidade, principalmente masculina, sugerindo que tal aversão deve-se maioritariamente ao papel tradicional do género masculino, e não tanto à homossexualidade. Deste modo, os homens gays serão percecionados como desviando-se mais acentuadamente do papel de género socialmente esperado do que as lésbicas, constituindo uma ameaça ao papel e poder social atribuído aos “homens” (Kerns & Fine, 1994; Gato, Leme & Leme, 2010). Uma exploração mais aprofundada do papel de género na sociedade portuguesa e a sua relação com a comunidade LGBT pode ser feita na obra de Nogueira et. al. (2010).

Identificou-se também uma relação entre o contacto interpessoal com pessoas LGBT e as atitudes face à adoção por casais homossexuais. Resultados semelhantes foram identificados nos estudos de Gato e Fontaine (2012). Estes autores refletem sobre o contacto com pessoas não-heterossexuais potenciar maior aceitação e, simultaneamente, ser também possível que este contacto só ocorra devido à atitude mais aberta que essas mesmas pessoas têm. Não obstante, os resultados do presente estudo apontam para resultados mais positivos nos itens referentes à capacidade parental e estabilidade emocional do casal quando os participantes têm um contacto com indivíduos não-heterossexuais, revelando uma posição menos preconceituosa.

O presente estudo tem como principal contributo a análise das atitudes face à adoção homoparental em uma amostra de estudantes com um percurso escolar distinto dos estudos anteriores, assim como com uma idade média inferior. De igual modo, este foi levado a cabo na RAM por a sua população ser menos frequentemente alvo de investigações, reduzindo o

impacto que outros estudos semelhantes teriam nas respostas obtidas. A presente dissertação permite também comparar as atitudes face à homoparentalidade entre Portugal Continental e Ilha da Madeira. Os resultados obtidos corroboram as investigações levadas a cabo, tanto nacional como internacionalmente, até à data. Como tal, há uma atitude maioritariamente positiva quanto à adoção de crianças por casais homossexuais, apesar desta ser desfavorecida por comparação à heteroparentalidade. A idade da criança parece ter impacto nas crenças quanto aos resultados desenvolvimentais da criança constituinte de uma família homoparental. Os resultados parecem apontar para um desconhecimento por parte da população quanto à homossexualidade e homoparentalidade, e quanto às crianças nelas inseridas, cujo desenvolvimento não difere de outras crianças em famílias heteroparentais em condições semelhantes. Assim, espera-se que o presente trabalho contribua na formação de mentes mais abertas e informadas acerca da homoparentalidade.

Existem algumas limitações ao estudo, pelo que é necessária alguma precaução na generalização dos resultados obtidos. Nomeadamente, a desajustabilidade social e a preocupação com a imagem são fatores centrais na faixa etária estudada, acrescendo o contexto escolar em que a investigação foi levada a cabo. Verificou-se também alguma discrepância nas idades dos participantes, pelo que, apesar da sua frequência no ensino secundário, parte da amostra tem idades superiores às esperadas para este ciclo escolar. No entanto, é importante destacar que os participantes frequentam o ensino secundário não regular, pelo que poderá ser pertinente, em investigações futuras, realizar estudos semelhantes em alunos do ensino secundário regular.

Por fim, as condições experimentais aqui estudadas são, de certo modo, utópicas, já que o casal descrito é, em todas as condições relacionais, profissionais, pessoais e económicas, ideal. Tendo este último ponto em consideração, é de esperar que as atitudes encontradas neste estudo não reflitam as atitudes a encontrar na população face uma situação real de adoção por casais homossexuais, tal como Gato, Freitas e Fontaine (2012) apontaram no seu estudo.

Futuros estudos poderão beneficiar de uma análise das atitudes face à adoção por casais homossexuais e das crenças acerca da institucionalização, averiguando como é que a população percebe a institucionalização e o impacto da mesma no desenvolvimento da criança, e verificando se existe associação entre esta perceção e as atitudes face à homoparentalidade.

6. Referências Bibliográficas

- Biblarz, T. J., & Stacey, J. (2010). How does the gender of parents matter? *Journal of Marriage and Family*, 72(1), 3–22. doi:10.1111/j.1741-3737.2009.00678.x
- Bos, H. M. W., Van Balen, F., & Van Den Boom, D. C. (2007). Child adjustment and parenting in planned lesbian-parent families. *The American journal of orthopsychiatry*, 77(1), 38–48. doi:10.1037/0002-9432.77.1.38
- Camilleri, P., & Ryan, M. (2006). Social work students' attitudes toward homosexuality and their knowledge and attitudes toward homosexual parenting as an alternative family unit: an australian study. *Social Work Education*, 25(3), 288–304. doi:10.1080/02615470600565244
- Cardeira, H. M., Frazão, A. A., & Mónico, L. dos S. M. (2013). Attitudes towards the adoption of children for homosexual couples. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicologia*, 1(1), 135–142. Retrieved from <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/>
- Comissão Europeia. (2006). *Eurobarometer 66. Public opinion in the european union: first results* (pp. 41–42). Retrieved from <http://ec.europa.eu/>
- Comissão Europeia. (2009). *Discriminação na UE 2009* (pp. 1–4). Retrieved from <http://ec.europa.eu/>
- Crowl, A., Ahn, S., & Baker, J. (2008). A meta-analysis of developmental outcomes for children of same-sex and heterosexual parents. *Journal of GLBT Family Studies*, 4(3), 385–407. doi:10.1080/15504280802177615
- European Social Survey. (2006). *Exploring public attitudes, informing public policy: selected findings from the first three rounds* (pp. 16–17). Retrieved from www.europeansocialsurvey.org

- Falcão, L. C. (2004). *Adoção de crianças por homossexuais: Crenças e formas de preconceito*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia - Universidade Católica de Goiás, Brasil.
- Farr, R. H., Forssell, S. L., & Patterson, C. J. (2010). Parenting and Child Development in Adoptive Families: does parental sexual orientation matter? *Applied Developmental Science, 14*(3), 164–178. doi:10.1080/10888691.2010.500958
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS (and sex and drugs and rock “n” roll)* (3rd ed.). London: SAGE Publications Ltd.
- Frías-Navarro, D. (2009). Beliefs about Children’s Adjustment in Same-Sex Families Scale. Spain: University of Valencia. Retrieved from <http://www.uv.es/>
- Gato, J. C., Fontaine, A. M., & Carneiro, N. S. (2010). Percepção de futuros profissionais de áreas psicossociais sobre o desenvolvimento psicológico de crianças educadas em famílias. In *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 1010–1023). Braga.
- Gato, J., & Fontaine, A. (2011). Impacto da orientação sexual e do género na parentalidade: Uma revisão dos estudos empíricos com famílias homoparentais. *Ex aequo, (23)*, 83–96. Retrieved from <http://www.apem-estudos.org/>
- Gato, J., & Fontaine, A. (2012). Atitudes face à diversidade sexual no contexto psicossocial, jurídico, da saúde e educativo. *Exedra, (6)*, 81–104. Retrieved from <http://www.exedrajournal.com>
- Gato, J., Freitas, D., & Fontaine, A. M. (2012). Atitudes Relativamente à Homoparentalidade de Futuros/as intervenientes da rede social. *Psicologia, XXVI*(1), 71–95.
- Gato, J., Freitas, D., & Fontaine, A. M. (2013). Attitudes Toward Same-Sex Parenting: Exploratory, Confirmatory, and Invariance Analyses of Two Psychometric Scales. *Journal of GLBT Family Studies, 9*(3), 205–229. doi:10.1080/1550428X.2013.781906

- Gato, J., Leme, V. B. R., & Leme, A. A. (2010). Atitudes relativamente à homossexualidade em Portugal e no Brasil. In *Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Santa Catarina. Retrieved from <http://www.fazendogenero.ufsc.br/>
- Golombok, S., & Badger, S. (2010). Children raised in mother-headed families from infancy: a follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers, at early adulthood. *Human reproduction (Oxford, England)*, 25(1), 150–157. doi:10.1093/humrep/dep345
- Kerns, J. G., & Fine, M. A. (1994). The relation between gender and negative attitudes toward gay men and lesbians: do gender role attitudes mediate this relation? *Sex Roles*, 31(5/6), 297–307.
- MacCallum, F., & Golombok, S. (2004). Children raised in fatherless families from infancy: a follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(8), 1407–1419. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00324.x
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir* (1ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Nogueira, C., & de Oliveira, J. (orgs), Almeida, M., Costa, C., Rodrigues, L., & Pereira, M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2013). *Relatório de evidência científica psicológica sobre relações familiares e desenvolvimento infantil nas famílias homoparentais*. Lisboa. Retrieved from <https://www.ordemos psicologos.pt/>
- Partido Socialista (2013). Projeto de Lei n.º 278/XII/1.ª.
- Patterson, C. J. (2000). Family Relationships of Lesbians and Gay Men. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1052–1069.

- Patterson, C. J. (2005). Lesbian and gay parents and their children: summary of research findings. In G. W. Harper, R. A. Buhrke, S. H. Dworkin, L. B. Silverstein, & B. Doll (Eds.), *Lesbian and gay parenting* (2nd ed.). Washington D.C.: American Psychological Association. Retrieved from www.apa.org/pi/lgbc/
- Pereira, M. M. de A. (2008). *Desenvolvimento de Crianças em Centros de Acolhimento Temporário e Relação com os seus Cuidadores*. Dissertação de Mestrado, Escola de Psicologia - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Wainright, J., Russel, S., & Patterson, C. (2004). Psychosocial adjustment, school outcomes, and romantic relationships of adolescents with same-sex parents. *Child Development*, 75(6), 1886-1898.